

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Desenvolvimento social, mas com crescimento [Social development, but with growth]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-05 20:18:00
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160340

“O pré-sal pode sim impulsionar um novo momento econômico e social, mas precisa ser bem administrado (...) e de acordo com os interesses públicos e nacionais”

interno para países em desenvolvimento como o Brasil.

Para que o potencial do nosso mercado interno seja utilizado de forma adequada, é fundamental que se aprofunde o investimento. Daí a importância do gasto público em infraestrutura, e é imprescindível que continue se ampliando o poder de consumo. Daí a relevância da distribuição de renda e da ampliação do crédito.

Mas para que isso se concretize, é necessária uma revisão da elevada taxa de juros e que o próximo governo comece a pensar maneiras para contornar o entrave fiscal. É importante ampliar investimentos públicos e gastos sociais sem aumentar os impostos e a dívida pública. E, diante desse, cenário a única certeza é que o Brasil não pode se dar ao luxo de parar de crescer.

IHu On-Line - Em que consiste, na sua opinião, o projeto de desenvolvimento da nova presidente eleita, Dilma Rousseff?

William Vella Nozaki - Com relação ao próximo governo, tenho mais expectativas do que certezas. Acredito que a maior parte da população aprovou e elegeu um projeto de crescimento econômico com distribuição de renda e consumo de massa. Espero que esse projeto avance, buscando resolver certos entraves: o patamar elevado da taxa de juros, a sobrevalorização do câmbio, os gargalos de infraestrutura e tecnologia e a falta de fontes de financiamento de longo prazo. Dessa forma, poderemos voltar a repensar o sentido e o significado do desenvolvimento brasileiro.

Desenvolvimento social, mas com crescimento

Fernando Sarti defende a importância da industrialização para o Brasil, que precisa também assegurar uma taxa de crescimento alta

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

O economista Fernando Sarti é enfático em relação ao melhor modelo de desenvolvimento para o Brasil. Na sua visão, o país precisa investir em industrialização. “O investimento industrial não é significativo do ponto de vista keynesiano, multiplicador. Não é ele que faz crescer a economia, mas é fundamental para assegurar que teremos oferta de bens de consumo para fazer frente à demanda crescente e não fazer com que essa demanda seja atendida crescentemente por importações”. Por sua vez, continua ele, “as exportações de commodities vão cumprir um papel específico que cabe a elas. Não se espera delas que gerem dinamismo. Não são elas que vão puxar a economia brasileira. Elas vão cumprir o papel de assegurar o superávit comercial para a balança brasileira. O que está provocando uma valorização cambial hoje não é o superávit nesses setores, mas é a nossa conta financeira, que está associada a um diferencial de demanda e de taxas de juros que temos aqui no país”. Na entrevista que segue, concedida por telefone para a IHU On-Line, Sarti confessa que não consegue pensar em desenvolvimento no futuro, com um modelo socioeconômico sustentável, sem o crescimento. “O desenvolvimento irá aparecer como uma etapa complementar superior à manutenção do crescimento. Sem crescimento o desenvolvimento social está em risco”.

Fernando Sarti é graduado e mestre em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp com a dissertação *Evolução das estruturas de produção e de exportações da indústria brasileira nos anos 80*. Ele também cursou doutorado na mesma instituição com a tese *Internacionalização comercial e produtiva no Mercosul nos anos 90*. Atualmente, é professor do Instituto de Economia da Unicamp. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que projeto de desenvolvimento o Brasil deve seguir nos próximos anos: industrialização e progresso tecnológico, exportação de commodities, ou um modelo de desenvolvimento socioeconômico sustentável, baseado na baixa emissão de carbono?

Fernando Sarti - Nenhum desses são excludentes. É possível pensar um projeto que, de alguma maneira, tenha sinergia entre essas estratégias.

As condições de desenvolvimento ainda não estão asseguradas. Uma questão chave deste e dos próximos governos é assegurar uma taxa de crescimento relativamente alta. Sem o crescimento, boa parte das conquistas sociais obtidas até agora ficaria sob risco. Em particular, refiro-me à geração de emprego e como isso gerou o crescimento da massa salarial e do poder aquisitivo da classe D e E. As pessoas começaram a ter

uma melhoria de bem-estar a partir do consumo e se endividaram comprando casa, bens de consumo. A sustentação desse novo patamar de bem-estar pressupõe a manutenção de uma taxa de crescimento em torno de 5%, pelo menos, para manter o nível de emprego. Esse é o grande desafio para “fazer uma ponte” entre crescimento e desenvolvimento. Não consigo pensar em desenvolvimento no futuro, com um modelo socioeconômico sustentável, sem o crescimento. O desenvolvimento irá aparecer como uma etapa complementar superior à manutenção do crescimento. Sem crescimento o desenvolvimento social está em risco.

IHU On-Line - Como assegurar a taxa de crescimento?

Fernando Sarti - Primeiro, isso passa por uma ampliação significativa da formação bruta de capital fixo na economia brasileira, ou seja, da taxa de investimento. A taxa de investimento da economia brasileira terá de crescer a um patamar muito superior ao crescimento da demanda doméstica brasileira. Temos de sair de uma taxa de investimento que está em 18%, elevando-a para 20, 22% e, em 10 anos, a 25%. O aumento dessa taxa de investimento é a condição *sine qua non* para a manutenção de um crescimento sustentável nos médio e longo prazos. Vejo dois desafios para isso: uma questão fundamental hoje é o financiamento e a outra, os riscos e oportunidades associados à valorização cambial e à crescente competição com o produto importado. Ambas as questões devem ser enfrentadas imediatamente se o país não quiser comprometer a taxa de investimento futura. O financiamento de longo prazo é feito pelos bancos públicos: BNDES, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal. É desses bancos que vêm os investimentos da economia. Ao que tudo indica, estamos caminhando numa direção de certa saturação dessas fontes públicas de financiamento. O BNDES chegou num limite, já está operando com 150 bilhões, e a Caixa Econômica está usando o Fundo de Garantia. De alguma maneira, teremos de pensar em novas fontes de financiamento. Uma alternativa para isso é a melhoria do merca-

“A taxa de investimento da economia brasileira terá de crescer a um patamar muito superior ao crescimento da demanda doméstica brasileira”

do de capitais no Brasil: não apenas o mercado acionário, mas o mercado de dívidas, de papéis, ou seja, a colocação, por parte das empresas privadas, tentando levantar recursos junto ao público para financiar as suas atividades. A consolidação e o crescimento do mercado de capitais parece ser uma questão fundamental.

Investimento internacional

A terceira fonte seria o uso desses investidores internacionais, sobretudo do ponto de vista dos fundos de previdência, que podem capitalizar as empresas. O Brasil tem que aumentar paulatinamente a taxa de investimento e fortalecer essas novas fontes. Desse ponto de vista, teremos de ser mais ousados e pensar em inovações que não estão colocadas hoje: é fundamental repensar a questão do fundo soberano como um instrumento importante de financiamento das estratégias das empresas. Por outro lado, há a questão das expectativas para o investimento. As decisões de investimento estão colocadas sob risco a partir do momento em que o país atende a demanda existente hoje no Brasil com produtos importados. Dá para se trabalhar na economia brasileira com a ideia de que temos fontes de demandas estáveis, para se pensar no crescimento para os próximos anos. Aqui penso, sobretudo, nos investimentos de infraestrutura e no pré-sal. O problema é que, quando realizo investimentos nessa área, estes geram a necessidade de demanda de compras. O grande risco é que, tendo essa demanda relativamente forte e assegurada, uma parcela cada

vez maior dessas compras comece a vaziar para fora. Isso será tão mais verdadeiro quanto mais tivermos uma valorização do câmbio e quanto mais formos permissivos com relação às importações. Dessa forma, jogamos fora a grande oportunidade de fortalecer a oferta brasileira, que passaria por um *boom* de investimento.

IHU On-Line - Então o Brasil precisa investir em industrialização?

Fernando Sarti - Precisa investir em industrialização. O investimento industrial não é significativo do ponto de vista keynesiano, multiplicador. Não é ele que faz crescer a economia, mas é fundamental para assegurar que teremos oferta de bens de consumo para fazer frente à demanda crescente e não fazer com que essa demanda seja atendida crescentemente por importações. No mundo inteiro, hoje, se luta por uma variável chave que se chama demanda. A demanda desapareceu. Nós temos atualmente, no Brasil, esse ativo-chave que é a demanda e temos que explorá-lo da melhor forma, fazendo com que essa demanda doméstica se configure em decisões consistentes de investimentos, inclusive na própria indústria. Esse crescimento pode ser social e sustentável, com essa dimensão ambiental. Dá para se pensar nessa direção de trabalhar com uma matriz energética mais limpa também. A industrialização e o desenvolvimento sustentável não são trilhas separadas. Por sua vez, as exportações de commodities vão cumprir um papel específico que cabe a elas. Não se espera delas que gerem dinamismo. Não são elas que vão puxar a economia brasileira. Elas vão cumprir o papel de assegurar o superávit comercial para a balança brasileira. O que está provocando uma valorização cambial hoje não é o superávit nesses setores, mas é a nossa conta financeira, que está associada a um diferencial de demanda e de taxas de juros que temos aqui no país.

IHU On-Line - O Brasil é conhecido como o celeiro do mundo. Esse modelo de desenvolvimento baseado em exportação de commodities ainda é relevante para o país hoje?

“A industrialização e o desenvolvimento sustentável não são trilhas separadas”

Fernando Sarti - Não estamos criando um padrão de crescimento dependente das exportações de commodities. A contribuição desse setor de atividade é para a geração sustentável de superávit comercial. Desenvolvimento é um processo que vai acontecer naturalmente. Temos que assumir que esse processo não se dá via mercado, mas tem que ser coordenado e dirigido pelo Estado e pressupõe necessariamente política industrial.

IHU On-Line - O crescimento econômico do Brasil está propiciando também, desenvolvimento social e econômico para a população?

Fernando Sarti - É inegável que o consumo neste país aumentou. Espero que agora que as pessoas sentiram o gosto disso não queiram perder e sejam, cada vez mais, cidadãs participantes do processo, no sentido de assegurar que os direitos adquiridos se mantenham. O crescimento realmente já propiciou uma melhoria no desenvolvimento social. Mas ainda há muito que

se avançar. Por exemplo, a questão do saneamento. Sabemos o quanto isso penaliza a qualidade de vida das populações D e E. O nível de saneamento no Brasil é vergonhoso. Outro ponto aqui é a questão da educação, que também é uma vergonha nos níveis primário e secundário. A mesma coisa vale para a saúde que, no Brasil, é uma calamidade. Só que tudo isso nós conseguiremos se tivermos crescimento. Não consigo ver desenvolvimento social sem crescimento. O crescimento sozinho também não resolve, mas é condição necessária para se ir nessa direção.

IHU On-Line - Muitos economistas defenderam que o bom desempenho econômico do governo Lula foi favorecido pelo momento econômico internacional. No governo Dilma, a situação deve se repetir, ou a nova presidente governará em um novo contexto internacional?

Fernando Sarti - Esse é um diagnóstico um pouco ingrato. Se pararmos

para pensar que o governo atual teve que administrar a maior crise econômica que passamos depois da crise de 1930, dizer que as condições externas favoreceram o Brasil é brincadeira. Num primeiro momento, até tivemos condições externas favoráveis e o Brasil aproveitou essas condições. Mas também adotou mudanças importantes em termos de diretrizes e de políticas que permitiram o crescimento. Essas mudanças foram fundamentais para enfrentar a crise. Passamos por uma crise muito menor em 1998 em que a forma de enfrentamento trouxe impactos negativos para a economia, o que essa crise não trouxe. Não concordo com o argumento de que o país cresceu em função das condições externas favoráveis. O Brasil teve uma política inteligente e garantiu uma certa estabilidade cambial.

LEIA MAIS...

>> Fernando Sarti já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira:

* *Internacionalização favorece industrialização*, publicada na IHU On-Line número 338, de 09-08-2010, disponível em <http://bit.ly/bC5kzM>.

Leia a Entrevista
do Dia em
www.ihu.unisinos.br